

O LUGAR DA INTERPRETAÇÃO NA METODOLOGIA DE PESQUISA SOCIAL¹

Ana Archangelo²

RESUMO: Este artigo foi elaborado a partir de um esforço de sistematização de algumas questões referentes à pesquisa que se propõe a estudar fenômenos sociais tendo a psicanálise como aporte teórico-metodológico. As idéias defendidas aqui se articulam em torno de um diálogo com o texto de Clarke (2002) e da reflexão sobre uma experiência de pesquisa relacionada ao campo da Educação. Entre outros aspectos, Clarke discute o papel da entrevista na pesquisa, e defende que a *interpretação psicanalítica não tem lugar no momento da entrevista; interpretação é dos dados coletados*ⁱ. A tese central neste trabalho, ao contrário, defende a relevância da interpretação da transferência estabelecida no processo de entrevista, guardados, evidentemente, alguns cuidados. Isso permite um vínculo diferenciado entre pesquisador e pesquisado, pois ligado à comunicação inconsciente que se estabelece entre eles. Permite ainda a melhor delimitação do objeto de pesquisa e contribui para a compreensão da dinâmica social que se quer investigar. Para isso, é preciso que o pesquisador faça uso de alguns procedimentos metodológicos originados na psicanálise, mas não exclusivos dela. A discussão final conclui que ao introduzir o inconsciente na investigação de questões sociais, o pesquisador introduziu-se a si mesmo como sujeito do inconsciente e precisa construir instrumentos metodológicos capazes de apreender os conteúdos determinados pela interação entre os inconscientes e a temática da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: psicanálise; metodologia de pesquisa; pesquisa social; interpretação; transferência.

THE ROLE OF INTERPRETATION IN SOCIAL RESEARCH METHODOLOGY

ABSTRACT: This article was written in an attempt to define a systematic method for the analysis of some issues regarding research on social

¹ Parte desse artigo foi apresentada na Anped/2002, sob forma de comunicação oral.

² Doutora em Educação pela UNICAMP; Professora do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação/UNICAMP. E-mail: ana.archangelo@uol.com.br

phenomena using psychoanalysis as the methodological tool. This discussion is supported both in dialogue with the work published by Clarke (2002) and in reflecting on the experience of research in the field of education. Among other aspects, Clarke discusses the place of the interview in research and points out that *psychoanalytic interpretation does not take place within the interview, interpretation is of the data collected* (p.176). The central thesis in this work, by contrast, defends the importance of an "interpretative endeavour" in the process of interviewing – that is, interpretation of the transference established in the interview process – though with appropriate caution. This would allow the relationship between the researcher and the participant to be linked to the unconscious communication between them. It would also afford better delimitation of the object of research and would contribute towards understanding the social dynamics that are the object of investigation. In order to do that, it is necessary for the researcher to make use of some methodological procedures which stem from the psychoanalytic field, but that are not exclusively employed in it. The final discussion concludes that, in introducing the unconscious in investigations of social issues, the researcher introduces himself as an unconscious subject and must develop methodological instruments able to grasp the content determined by the interaction between the unconscious and the subject of the research.

KEY-WORDS: psychoanalysis; methodology of research; social research; interpretation; transference.

INTRODUÇÃO

Este artigo foi elaborado a partir de um esforço de sistematização de parte da reflexão sobre a pesquisa que se propõe a estudar fenômenos sociais tendo a psicanálise como referencial metodológico. Como psicóloga, venho procurando investigar algumas das questões do campo educacional através de uma abordagem psicanalítica. Em virtude desse esforço, a presença do inconsciente e sua influência no processo de pesquisa e em seus resultados têm sido uma preocupação recorrente no desenvolvimento de meus trabalhos.

O debate sobre os limites e as possibilidades do uso do referencial psicanalítico no campo da pesquisa social é grande. A bibliografia produzida no campo da sociologia inglesa a esse respeito é extensa Bird and Clarke (1999); Clarke (2000, 2001); Brown (2000); Craib

(1995,1997); Richards (2000), e é fortemente influenciada pela psicanálise de Klein, Bion e seus seguidores.

Este artigo, entretanto, focalizará mais fortemente o artigo de Clarke, 'Learning from experience: psycho-social research methods in the social sciences' (2002), uma vez que nele é apresentada uma proposta metodológica com a qual minha experiência dialoga, ora em concordância, ora em discordância com ela.

A experiência à qual me refiro, e que será objeto de reflexão nesse artigo, tem início com minha pesquisa de doutorado, que resultou na tese *O amor e o ódio na vida dos professores* (1999)ⁱⁱ. Ela foi iniciada com a finalidade de investigar algumas falas correntes entre os professores a respeito das diferenças entre a escola do passado e a do presente. Contudo, o processo de pesquisa evidenciou que passado e presente eram apenas temas articuladores de outro objeto, o qual, naquele momento, constituía-se como eixo das narrativas de todos os entrevistados, qual seja, o amor e ódio do professor em relação à escola e aos alunos.

O relato desse processo deverá, portanto, fundamentar alguns dos argumentos apresentados mais adiante.

BREVE DESCRIÇÃO DO QUE CLARKE PROPÕE

Essa breve descrição não tem a intenção de esgotar a interessante discussão proposta por Clarke, mas pretende apresentar um roteiro do que ele considera fundamental no desenvolvimento de uma pesquisa sociológica com abordagem psicanalítica. Diz Clarke (2000):

Os elementos-chave deste método são: 1. O uso de entrevistas qualitativas não-estruturadas; 2. O mínimo de intervenção do pesquisador; 3. O sujeito da pesquisa é capaz de fazer uso da 'livre associação'; 4. A interpretação psicanalítica não tem lugar na entrevista, interpretação é dos dados coletados; 5. O uso da livre associação permite que idéias inconscientes e motivações aflorem, ao invés de seguir qualquer roteiro lógico de entrevista. (p.176)ⁱⁱⁱ

E ele continua:

Isto permite que o pesquisador componha um banco com material ainda disperso a partir do qual ele possa, então: 7. Identificar diferentes padrões de experiência; 8. Identificar diferentes padrões de respostas; 9. Analisar questões substantivas, como por exemplo, experiências de racismo; 10. Identificar mecanismos inconscientes tais como 'identificação projetiva', tanto nas respostas do sujeito para o entrevistador,

quanto no material que o sujeito descreve. Isso permite uma análise da forma com que os dados da pesquisa são construídos por ambos, pesquisador e pesquisado. (p.176)^{iv}

Os aspectos 3 e 5 estabelecem praticamente uma relação de identidade com os princípios da psicanálise. Os restantes sustentam-se neles, constituindo-se na tentativa de formulação de uma proposta metodológica psicanalítica para a pesquisa social.

Os três primeiros aspectos, estreitamente vinculados uns aos outros, têm a finalidade essencial de garantir ao sujeito a quem está suposto o direito da fala, o maior e mais livre espaço para contar sua história e direcionar o fluxo da entrevista como melhor lhe convier. Essa postura pressupõe a idéia de que a livre associação encerra em si um significado que é traduzido por Clarke no aspecto de número 5. Em outras palavras, reproduzir-se-ão na entrevista conteúdos, ansiedades e defesas construídos pelo sujeito ao longo da vida.

Já os aspectos 4 e 6 discorrem sobre como deve ser conduzido o tratamento do material coletado através da livre associação. São esses dois últimos aspectos e seus desdobramentos que pretendo problematizar. Para isso, recorro à experiência de pesquisa já mencionada, que me permitiu formular os argumentos que apresento nesse artigo.

A próxima sessão descreve sucintamente o contexto inicial da investigação, o qual ilustra os pontos de convergência entre a metodologia adotada e aquela proposta por Clarke.

O INÍCIO DA PESQUISA

A pesquisa foi motivada pela percepção de que algumas falas dos professores sobre o dia-a-dia se repetiam em situações diversas e de forma bastante contraditória. Em alguns momentos, os atributos positivos da escola eram remetidos a um passado perdido, com afirmações do tipo *Escola boa era a do passado, não a que nós temos hoje*. Em outros, tais atributos residiam em um presente marcado por novas metodologias de ensino nem sempre adotadas por eles.

Os professores 'do presente' tendiam a criticar as metodologias do passado, atribuindo a elas qualidades bastante negativas. Entretanto, era esse ensino do passado que eles admiravam, e não o ensino atual, portador de inovações metodológicas importantes e valorizadas no discurso dos professores.

A pesquisa empírica foi estruturada tendo como núcleo uma das escolas mais antigas de uma cidade média do estado de São Paulo. Nela,

procurei professores que tivessem estudado naquela mesma escola quando crianças ou jovens. Minha idéia era a de confrontar imagens de uma escola do presente e do passado à luz de histórias que se cruzavam. De quatro professores que atendiam a esse critério, Vitória^v foi a única a aceitar fazer parte da pesquisa. A partir daí, passou a exercer papel fundamental na orientação dos passos da pesquisa, o que mostrou-se fundamental para a delimitação do objeto, o que será abordado adiante. Através dela, localizei aqueles que tinham sido os professores dela nessa mesma escola. Em princípio, Vitória recusou-se a indicar o nome de uma de suas antigas professoras, cuja lembrança era, segundo ela, muito sofrida. Aparentemente irrelevante, esse aspecto ganhou grande significado para o andamento da pesquisa.

As entrevistas foram, inicialmente, realizadas com Vitória, e posteriormente, com as professoras já aposentadas que haviam sido professoras dela. Para efeito da discussão proposta nesse artigo, apenas o processo vivido com a primeira será abordado. As entrevistas foram conduzidas de forma não estruturada e com mínima intervenção do pesquisador, o que, em termos práticos, permitiu à entrevistada falar livremente sobre assuntos dos mais variados. Tinham como orientação básica aquilo que nesse artigo aponto como os quatro elementos básicos (1, 2, 3 e 5) propostos por Clarke (2002).

Aquilo que considerava ser o eixo da investigação foi, ao longo das primeiras entrevistas se desfazendo, deixando antever que a pesquisa naufragaria caso insistisse em tê-lo como foco de análise. Evidenciou-se a importância do fluxo da narrativa dos entrevistados para uma delimitação mais precisa do objeto de pesquisa. E tal evidência fez-me perceber que seria a interpretação de tal fluxo e da transferência^{vi} estabelecida entre pesquisador e pesquisado na comunicação desse mesmo fluxo que conferiria ao objeto de pesquisa seu sentido mais pleno.

Através das entrevistas com Vitória, a professora 'do presente', fui apresentada a um emaranhado de críticas e análises relacionadas à política educacional e suas implicações no universo da escola. Diante de perguntas bastante abertas como, *conte-me sobre como você vê a escola*, ou *como você vê o ser-professor*, Vitória apontava repetidamente quão insignificante e desvalorizado havia se tornado o trabalho do professor. Ao mesmo tempo apontava quão pressionada estava a escola do presente, diferentemente da escola em que estudara no passado. Algo como:

A escola está um ambiente insalubre, muito ruim... estão fazendo tudo para destruir a cada momento o seu ideal. Mas eu me recusei a enterrar os meus sonhos na escola em que aprendi a sonhar. Eu briguei muito por eles e isso me deu

força. O ambiente da escola criado artificialmente pelos nossos superiores está destruindo o ideal da gente.

Sempre muito envolvida com as entrevistas, Vitória trazia-me fotos antigas, recortes de jornais, poemas, receitas de remédio caseiro. Mas essa disponibilidade vinha imersa numa narrativa com um ritmo incessante que parecia enredar-me e deixar-me confusa. Em vários momentos, não sabia por que razão estava eu lá a ouvir tantas histórias por vezes incompreensíveis. O que estava ela procurando comunicar e esconder? Por que me trazia “presentes” e ao mesmo tempo não me permitia compreender o que dizia?

Pouco a pouco fui percebendo que a trama transferencial criava uma relação em que a entrevistada era a que dava tudo, fornecia as informações, trazia presentes, enquanto a entrevistadora era incapaz de reconhecer o esforço feito. Pelo fato de não me permitir entender o que falava, Vitória me empurrava para uma posição em que facilmente me levaria a ignorá-la ou até mesmo rejeitá-la. Ao mesmo tempo, construía uma atmosfera tão amistosa que era impossível não me sentir culpada ao mínimo esboço dessa rejeição. Nas entrevistas, estava sendo configurada, portanto, a mesma ambiência da qual persistentemente se queixava: a falta de reconhecimento do valor do professor.

A interpretação dessa trama, ao longo do processo de entrevistas foi fundamental para que entendesse a “queixa” implícita de Vitória. Ela comunicava, através de mecanismos bastante primitivos, que o eixo de compreensão da escola estava no ressentimento ali presente. Era esse clima hostil que ela laboriosa e inconscientemente vinha construindo na situação de pesquisa que precisava ser investigado, pois parecia estar sendo reproduzido nas situações mais diversas, inclusive naquela da qual eu tomava parte. Por essa razão, ela falava das relações de poder, às quais atribuía em grande parte a responsabilidade pelo ressentimento. Também por essa razão tentava aliviar a relação de poder que ela identificava na relação pesquisador-pesquisado (é que, por mais que se tente, acaba por estar presente) através de tamanho envolvimento e tantos presentes.

Foi esse o contexto que me levou à formulação de uma proposta metodológica que se distancia da de Clarke. É o que procurarei explicar na próxima sessão.

A IMPORTÂNCIA DA INTERPRETAÇÃO PARA A DELIMITAÇÃO DO OBJETO E PARA O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

O confronto entre essa experiência e a postura apresentada por Clarke (2000) provoca duas indagações. A primeira, relacionada à relevância do livre fluxo da narrativa do sujeito. Não seria mais apropriado delimitar mais claramente o foco da entrevista a partir do interesse original da pesquisa? A segunda, sobre a pertinência dos conteúdos inconscientes, permitidos pela livre associação, para a compreensão dos aspectos sociais que se quer investigar.

Por enquanto, é suficiente afirmar que o fluxo da narrativa do sujeito guarda a chave para o caminho a ser perseguido pelo pesquisador que considera não apenas a existência do inconsciente mas, além disso, sua relevância para a compreensão de questões do campo da pesquisa social.

E qual a repercussão da compreensão desse processo sobre a pesquisa em si? Evidentemente, não estamos falando de ambiente analítico. Portanto, assim como Clarke (2000), acredito que a situação de entrevista não autoriza o pesquisador a interpretar para o entrevistado determinados conteúdos pessoais ali presentes. Entretanto, há um nível de interpretação necessário que é o da relação transferencial.

Para abordar esse campo da discussão evitando mal-entendidos, é preciso ressaltar que a diferença entre o processo de análise (ou processo psicanalítico) e o processo de pesquisa acadêmica é dada na origem do vínculo entre pesquisador e pesquisado. Ela decorre de detalhes simples, porém determinantes. São eles: 1. a relação sujeito-pesquisador e sujeito-pesquisado é motivada pela iniciativa do primeiro, diferentemente do processo analítico. É do pesquisador que parte a demanda, não do pesquisado. 2. A “livre associação” proposta na pesquisa é de natureza distinta daquela proposta na análise porque há uma expectativa posta pelo interesse do pesquisador. O sujeito-pesquisado sabe que o *setting* da pesquisa atende a parâmetros determinados por essa última, ainda que a ele seja dado o direito de falar o que quiser.

O que quero deixar claro é que a falta de preparo do pesquisador para o papel de analista e sua recusa em assumir tal papel não são as únicas razões para que a análise não ocorra. Na verdade, ela é por natureza inviável nesse contexto. Ou seja, o *setting* analítico promove a emergência do sujeito-analisado naquilo que ele tem de mais profundo e idiossincrático. Enquanto isso, o *setting* de pesquisa mobiliza os aspectos inconscientes que, de alguma forma, mantêm um relacionamento com o objeto pesquisado e com o papel assumido pelo sujeito-pesquisador. Ou

seja, o sujeito da pesquisa constrange e limita a emergência desse sujeito da análise, ainda que a proposta seja a mais aberta possível.

Isso vai ao encontro da afirmação de Craib (1995, p. 155): “os aspectos sociais da vida emocional não devem ser tomados por engano pela totalidade da vida emocional”^{vii}.

A transferência à qual me refiro - e que sugiro ser interpretada ao longo das entrevistas - refere-se a essa parcela da vida emocional que se associa diretamente a aspectos sociais que a pesquisa pretende abordar. Mais especificamente, refere-se àqueles que são o resultado do contexto de investigação e, portanto, já são a resposta inconsciente ao problema proposto pelo pesquisador. Isso posto, posso desenvolver a idéia da necessidade de interpretação desse processo transferencial.

O sentido interpretado não é, necessariamente, verbalizado para o entrevistado, pode ficar restrito à compreensão do pesquisador, ainda que a comunicação da interpretação proposta não seja prejudicial, como evidenciou minha experiência. Entretanto, ele permite a esse último estabelecer uma relação mais consistente com seu objeto, ou mesmo reorientar sua pesquisa. Isso pode ser feito através de três procedimentos básicos: 1. formulação de novas hipóteses e questões no próprio curso da entrevista; 2. reorientação da escuta; 3. reposicionamento do entrevistador na trama transferencial.

Apesar de não ser necessariamente explicitado ao entrevistado, o processo interpretativo comunica a ele o esforço do pesquisador em conectar-se com o que de mais profundo está sendo disponibilizado. Podemos dizer, por essa razão, que esse esforço tem uma dimensão ética (MEIRIEU, 2002), superando a auto-suficiência do pesquisador. Por não tentar ‘quebrar’ as resistências existentes no sujeito pesquisado, mas sim compreendê-las na relação com a temática pesquisada, tal dimensão ética é tranquilizadora para o entrevistado.

No caso descrito nesse artigo, o processo que chamarei de ‘esforço interpretativo’ apresentou três resultados de extrema importância nas três categorias de procedimentos:

1. Melhor delimitação do objeto. Nesse processo, defini como prioritária a compreensão da dinâmica entre amor e ódio presente na escola. Essa definição, proporcionada em grande parte pela atitude interpretativa ao longo das entrevistas, reorganizou o lugar ocupado pela minha preocupação com a relação passado/presente. Ela permaneceu uma preocupação, mas como desdobramento do entendimento dos afetos envolvidos na vida escolar.

2. Refinamento da escuta. A melhor delimitação do objeto fez com que aquela 'confusão' inicial se convertesse em material significativo para a pesquisa. Daí decorreu uma maior tranqüilidade e segurança no papel de pesquisador.

3. Reposicionamento do entrevistado. A postura mais consistente e tranqüila do pesquisador permitiu ao entrevistado oferecer mais abertamente algumas resistências e, por outro lado, mais concretamente sua colaboração.

Em suma, o efeito da interpretação sobre o desenvolvimento da pesquisa é o de contribuir com a possibilidade de obtenção de material mais significativo para ambos, entrevistado e entrevistador. Exemplo disso é o fato descrito a seguir. Só depois de saber que eu havia identificado como central a questão do ressentimento e da hostilidade é que Vitória foi capaz, por iniciativa própria, de revelar o nome e endereço da professora do passado de quem guardava recordações negativas.

Compreendi, através disso, que minha tentativa de pesquisa através de uma cisão entre passado e presente reforçava o que já se manifestava como defesa dos professores. Reforçava a atitude de falar de um passado abstrato idealizado e de um presente desprovido de qualquer atrativo em que eles, professores, eram convertidos em mártires. Ao revelar a identidade da antiga professora de quem tinha mágoa, Vitória pôde abrir uma trilha entre o 'bem' e o 'mal', entre o passado e o presente, colocando os opostos em convivência mais dinâmica, dialética e menos ameaçadora.

Por conta disso, a rivalidade velada entre pesquisador e pesquisado pôde ser verbalizada e Vitória pôde expressar sua hostilidade sem sentir-se muito ameaçada. Segue sua verbalização:

Ana, eu tenho uma queixa para fazer de vocês da Universidade, que é uma queixa não de você, Ana, é uma queixa que nós, professores, temos muito, porque às vezes a gente é pesquisado e a gente sente que as coisas não voltam para a gente. Outra coisa que eu tenho a falar, uma outra queixa, não é da Universidade, é que a teoria ...eu não estou vendo isso em você, você eu estou sentindo que está muito preocupada com o lado prático, o que eu sinto é que os teóricos se colocam num pedestal tão alto e de repente começam a ser capataz da gente também.

Eu sinto que os professores da Universidade têm se distanciado muito da gente e eles têm se colocado num plano altamente superior, no direito de julgar a gente. A gente anda muito aborrecido, porque o que a gente quer é a Universidade perto da gente, desenvolvendo as coisas com a gente,

*estando ali com a gente, nós não queremos só a
Universidade elaborando teoria. Você está me entendendo?
Eu acho que estou falando muito; mas esse é o meu recado,
Ana.*

Partindo dos aspectos discutidos acima, discordo do que Clarke (2002) descreve no item 4 – a interpretação não é feita na entrevista, mas do material coletado. Penso que há o nível da interpretação do material transcrito, que não será objeto de discussão neste artigo, mas há também (e eu diria essencialmente) a interpretação do que se passa na entrevista e que deve ser objetivo do pesquisador. Mais uma vez é importante lembrar que não se trata de interpretar para o entrevistado aspectos pessoais que não digam respeito ao *setting* da pesquisa, mas sim aqueles aspectos transferenciais que revelam e escondem a dinâmica que se quer investigar. A partir dessa perspectiva é que deve ser discutido o processo de transcrição.

CONCLUSÃO

Através das experiências descritas e dos problemas metodológicos discutidos a partir delas, considero que a pesquisa social realizada através de uma abordagem psicanalítica deve estar rigorosamente atenta a três aspectos.

Primeiramente, o processo de pesquisa em si mesmo já é um fator definidor da dinâmica do sujeito do inconsciente no contexto da pesquisa. Ou seja, a simples proposta, por mais aberta e livre que possa parecer, já limita e constrange a emergência do sujeito do inconsciente tal como se apresenta no contexto de análise. Em síntese, isso significa que a interpretação dos conteúdos pessoais do sujeito não só não está autorizado, como é, por definição, inviável.

Por isso, a interpretação do processo de entrevista não deve ser banido da agenda do pesquisador. Ao contrário, é uma das ferramentas mais importantes para a delimitação do objeto de pesquisa e para a compreensão dos processos afetivos que se relacionam aos fenômenos sociais que se pretende investigar. O processo transferencial produzido entre pesquisador e pesquisado é a expressão da interação entre os dois inconscientes e a proposta da pesquisa que, de alguma forma, apresenta e mobiliza no sujeito a temática a ser abordada.

Por fim, para garantir a apreensão da comunicação inconsciente, não basta, entretanto, uma boa metodologia de tratamento do material gravado, mas também uma postura que considere como um dos alvos de

compreensão dos processos ali abordados, as próprias reações do pesquisador.

O essencial é que ao assumir que o sujeito que sofre o impacto dos problemas sociais e que também os determina é um sujeito do inconsciente, o pesquisador introduz-se a si mesmo também como tal. Decorre disso sua responsabilidade por buscar instrumentos apropriados para penetrar nesse pequeno universo de interações inconscientes mobilizado pela proposta de pesquisa.

Notas

ⁱ *Psychoanalytic interpretation does not take place within the interview, interpretation is of the data collected.*

ⁱⁱ Nela, a discussão metodológica não formula essa do presente artigo. O mesmo para sua publicação em livro (Archangelo,A. *O amor e o ódio na vida do professor: passado e presente na busca de elos perdidos*. São Paulo: Cortez, 2004.).

ⁱⁱⁱ (tradução minha) *The key elements of this method are: 1. The use of qualitative unstructured interviews; 2. A minimum of intervention by the researcher; 3. The research subject is able to 'freely associate'; 4. Psychoanalytic interpretation does not take place within the interview, interpretation is of the data collected; 5 The use of free association allows for unconscious ideas and motivations to come fore, rather than following any logical interview schedule; 6. Interviews are transcribed in detail.*

^{iv} (tradução minha) *This allows the researcher to develop a bank of raw material from which he or she can then: 7. Identify different patterns of experience; 8. Identify different patterns of response; 9. Analyse substantive issues, for example the subject's experience of racism; 10. Identify unconscious mechanisms such as projective identification both in the subject's response to the interviewer and in the material that subject describes. This allows analysis of the way in which research data is constructed by both researcher and respondents*

^v Todos os nomes são fictícios e foram escolhidos pelos próprios sujeitos da pesquisa.

^{vi} O termo *transferência* será empregado aqui com o sentido de 'repetição, em uma relação atual, de modelos passados de relação'.

^{vii} (tradução minha) *the sociological aspects of emotional life should not be mistaken for the whole of emotional life.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCHANGELO, A. *O amor e o ódio na vida do professor: passado e presente na busca de elos perdidos*. 198p. Tese (Doutorado em Metodologia de Ensino) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1999.

ATKINSON, R. *The life story interview*. California: Sage, 1998.

BIRD, J.; CLARKE, S. Racism, hatred, and discrimination through the lens of projective identification. *Journal for the Psychoanalysis of Culture and Society*.v.4, n.2, p.332-335, 1999

_____. On African-caribbean boys and school exclusion. *Journal for the Psychoanalysis of Culture and Society*. V.5, n. 2, p.330-336, 2000

BROWN, J. What is a psychoanalytic sociology of emotion? *Psychoanalytic Studies*.v.2, n.1, p.35-49, 2000.

BROWN, J; RICHARDS, B. Introduction to the psychoanalytic sociology of emotion. *Psychoanalytic Studies*. V. 2, n.1, p.31-3, 2000.

CLARKE, S. On white researchers and black respondents. *Journal for the Psychoanalysis of Culture and Society*. v.5, n.1, p.145-50, 2000.

CLARKE, S. Learning from Experience: Psycho-Social Research Methods in the Social Science. *Qualitative Research*. v. 2, n. 2, 173-94, 2002.

CRAIB, I. Some comments on the sociology of the emotions. *Sociology*. v. 29, n.1, p.151-158, 1995.

_____. Social constructionism as a social psychosis. *Sociology*. v. 31, n.1, p. 1-15, 1997.

HOGGETT, P. Social policy and emotions. In: LEWIS, G.; GEWIRTZ, S.; CLARKE, J. (ed) *Rethinking social policy*. London: Sage, 2000. p.141-155

HUMPHRIES, S. *The handbook of Oral History: recording life stories*. London: Inter-action Inprint, 1984

KING, N. *Memory, Narrative, Identity: remembering the self*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2000.

MEIRIEU, P. *A Pedagogia entre o dizer e o fazer: a coragem de começar*. Porto Alegre: Artmed: 2002.

RICHARDS, B. The anatomy of envy. *Psychoanalytic Studies*. v. 2, n.1, p. 65-76, 2000.

Recebido em novembro de 2007

Aceito em março de 2008